

Os vilões da derrota da seleção brasileira. A importância do resultado nas narrativas jornalísticas sobre futebolLeda Maria da Costa¹

Se o futebol – assim como os esportes de um modo geral – se transformou em um dos mais importantes produtores de figuras heróicas nas sociedades modernas, certamente, não poderia deixar de produzir figuras vilânicas. O mundo da bola, também, costuma ser dividido entre o bem e o mal, sendo que cabe aos vilões o papel de partidário das forças maléficas. Concepções de virtude e vício são forjadas em diálogo com uma série de valores e representações que permeiam o território futebolístico e é em diálogo com as mesmas que as tipologias vilânicas são configuradas. Vilões são sempre configurados em contraposição a normas ou expectativas mantidas e criadas por determinados grupos, que podem ser de torcedores, público em geral, jornalistas, dirigentes etc. Uma das tipologias mais conhecidas de vilania é aquela relacionada à antidesportividade, e costuma ser conformados em oposição aos padrões de *fair play* e disciplina requeridos para os profissionais da bola. Esse tipo de vilão nos traz à mente as imagens do jogador Edmundo distribuindo socos em Juninho Paulista, em 1994, no jogo São Paulo e Palmeiras, ou as do holandês Frank Rijkaard cuspiendo em Rudi Voller, na partida entre Alemanha e Holanda, pela Copa de 1990. Ou de Zinedine Zidane que na final da Copa de 2006 agrediu o zagueiro italiano Marco Materazzi com uma forte cabeçada no peito.

Mas os vilões aqui em questão são aqueles assim denominados por terem sido culpabilizados por alguma derrota. Não de uma derrota qualquer, mas daquelas ocorridas em jogos decisivos, pois esse é o palco perfeito para o surgimento desse vilão. Pois, 90 minutos é tempo suficiente para marcar a trajetória de um jogador de futebol, o que demonstra que Jair, um dos integrantes da seleção de 50, não deixava de ter razão em pensar que o “futebol é ingrato” (Neto, 2000, 135). Afinal, no dia 16 de julho de 1950, ele pisara no gramado do Maracanã como um dos heróis da seleção brasileira, mas, assim como seus colegas, saiu do mesmo com o estigma de perdedor. De nada valeram as triunfantes goleadas sobre Espanha e Suíça, pois a carreira daqueles atletas foi anexada àqueles noventa minutos, jogados e perdidos para os uruguaios. Pois, muitas vezes, basta esse curto espaço de tempo para que nasçam nossos heróis e nossos vilões. Os primeiros serão os personagens principais das vitórias e os segundos terão o inglório papel de protagonistas da derrota. Enquanto o herói percorre uma trajetória ascendente, em que um *status* de superioridade lhe é conferido, o vilão

¹ Dra. em Literatura Comparada. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

2

é lançado numa queda que o conduz a um território sombrio de culpabilizações das quais, muitas vezes, não consegue se livrar.

Trata-se, porém, de uma percepção filtrada pela derrota. Pois o resultado do jogo funciona como uma lente capaz de produzir figuras agigantadas ou amesquinçadas. Por intermédio da vitória, certos profissionais do futebol podem ser transfigurados em heróis ou vilões. A transfiguração, no sentido proposto por Hans Ulrich Gumbrecht, é um conceito bastante útil para pensarmos os processos de construção do perfil de alguns personagens importantes do âmbito futebolístico. Transposto para o domínio esportivo, a transfiguração pode ser compreendida como o processo pelo qual a percepção que se tem de um determinado atleta se transforma e o mesmo passa a ser concebido a partir de uma perspectiva que o diferencia dos demais. Uma diferenciação que pode ser gloriosa ou fracassada, já que essa transfiguração atlética se dá em um contexto competitivo no qual existe a possibilidade de ganhar e o risco de perder:

De acuerdo con *el Nuevo Testamento*, la transfiguración es una transformación que bien puede ocurrirles a los seres humanos. En el Monte Tabor, Jesús, Moisés y Elías se aparecen transfigurados ante los discípulos. Sus cuerpos brillan. De modo similar, la victoria – y la derrota – hacen brillar en la luz del triunfo o la tragedia los cuerpos e sus movimientos (...) pienso que la victoria o la derrota les dan distintas variedades de lo que la tradición cristiana acostumbraba llamar un “halo”, y que los intelectuales hoy han venido a llamar una “aura”. (2005, 79).

A luz da derrota confere aos vilões uma aura obscura.² E o eleito passará, por algum motivo, a não ser reconhecido como membro legítimo de uma determinada comunidade, causando, portanto, estranhamento e principalmente rejeição. A construção dessa identidade negativa é mediada pela derrota. Pois se o resultado final de uma partida é um elemento importante para a compreensão que teremos da mesma, conseqüentemente, também é o fator decisivo para os significados que serão atribuídos a certos atores do jogo, principalmente pela imprensa esportiva. Por isso, muitas vezes, a distância que separa os heróis dos vilões do futebol, pode ser menor do que imaginamos, afinal essa diferença se constrói após o resultado de um jogo. Em 1997, por exemplo, podíamos ouvir no estádio Caio Martins, no Rio de Janeiro, a torcida do Botafogo gritar o nome de um de seus jogadores na época: “Ei, ei, Bentinho é nosso rei”. Coro que, entretanto, não resistiu à derrota da estrela solitária, por isso quando o Botafogo já perdia pelo placar de 3 X 1, o grito de apoio foi esquecido e rapidamente substituído por ameaças: “Bentinho, agora é sério, se não correr, vai parar no cemitério” (*apud* Souto, 2000, 96).

² Algumas palavras de Mário Filho podem ser úteis para esclarecer esse processo de transfiguração, principalmente a operada pela vitória: “A vitória é como uma varinha de condão que transforma um jogador num ente superior. A multidão fá-lo ídolo” (*Manchete esportiva*, 24/05/1958).

E quanto mais doloroso for um fracasso, maior será a ânsia por respostas rápidas e pouco complexas, e por depositar a responsabilidade sobre alguns indivíduos, deixando claro nosso repúdio à sua presença. Além disso, não é nada fácil admitir que nosso time jogou e perdeu de forma merecida e, muito menos fácil é reconhecer a superioridade alheia. Por isso, os vilões se mostram personagens extremamente úteis, pois eles prescindem da necessidade de uma análise mais acurada da derrota e que leve em conta a possibilidade de nosso time ter sido, em algum aspecto, inferior ao adversário. Afinal, esse tipo de reconhecimento significa pôr em perigo as identidades individuais e coletivas forjadas no âmbito futebolístico. É preferível encontrar mecanismos de interpretação da derrota que não coloquem em xeque a superioridade de uma equipe – e de nós torcedores – perante o adversário. Culpabilizar indivíduos isolados em detrimento do grupo pode diminuir os estragos de uma derrota no ego do torcedor.

Talvez por isso os vilões sejam tão importantes nas explicações dos fracassos da seleção brasileira em Copas do Mundo. Os vilões se transformaram em personagens imprescindíveis às explicações dos nossos fracassos, principalmente os ocorridos em Copas do Mundo. A pergunta “Por que o Brasil perdeu?”, que serve de mote principal às narrativas da derrota, é quase sempre respondida através das figuras vilânicas, afinal são seus erros e sua “desastrada” presença em campo que justificam o insucesso da seleção.

E foi o Maracanazo que traçou a estrutura básica desse modelo de vilania, nas participações da seleção em Copas do Mundo. 1950 representou uma etapa extremamente importante no processo de consolidação dos vilões como personagens que, quase sempre, serão buscados dentro do próprio escrete e cujas possíveis falhas em campo serão, freqüentemente, compreendidas como resultado de algo que ultrapassa o âmbito das quatro linhas. Embora fosse possível buscar argumentos de ordem tática para explicar a derrota da seleção, nossos jogadores foram vistos como covardes que teriam tremido diante de duzentas mil pessoas e diante da responsabilidade de conquistarem a Copa do Mundo. Até os dias de hoje, ainda é bastante comum classificarmos nossos vilões de covardes, mascarados, mercenários enfim uma série de qualificativos que mais os fazem parecer típicos vilões de telenovelas. Diabolizamos os vilões e, muitas vezes, o enxergamos como um sujeito de intenções suspeitas, como uma espécie de gênio mal da família que se corrompe por algum interesse escuso. Essa interpretação, em parte, está relacionada ao fato de imputarmos aos jogadores da seleção um papel que ultrapassa o de simples atletas. Eles são defensores e representantes da nação, o que já em 1950 se encontra bastante enfatizado e que com o tempo

4

será fortalecido. Entretanto, esse padrão de vilania não pode ser compreendido como uma simples continuidade do Maracanazo. Há certas especificidades na vilania dessa Copa que precisam ser levadas em conta, pois 1950, por si só, não basta para explicarmos a pertinência desse modelo de vilão.

A principal especificidade diz respeito aos parâmetros avaliativos utilizados para o julgamento da atuação do selecionado nacional. Mirávamos os uruguaios quando concebemos os jogadores da seleção como covardes e sem fibra. Mirávamos, principalmente, o capitão, Obdulio Varela que foi, constantemente, exaltado pelos próprios brasileiros, como um capitão à moda antiga, ou seja, aquele que é a “alma e arma de uma equipe”, como afirmou Geraldo Romualdo da Silva (*JS*, 03/08/1950). Mário Filho chegou a ir mais longe ao propor que Obdulio, assim como Friendenreich, era mais um mulato a ocupar o posto de ídolo nacional, um “ídolo às avessas”, já que pertencia ao Uruguai, mas que, nem por isso, deixava de despertar admiração no brasileiro, que acreditava que se ele “tivesse jogado pelo Brasil, o Brasil teria sido campeão do mundo” (1964, 336). Tratava-se de uma superioridade, antes de tudo, moral. Pois se havíamos conseguido perder, mesmo sendo donos de uma campanha até então irretocável, era porque nos faltaram certas virtudes que sobraram aos uruguaios. Faltaram coragem e fibra como deixa claro um trecho do *Anuário Esportivo Brasileiro* em que se pode ler: “os uruguaios venceram porque tiveram fibra, jogaram com o coração e souberam honrar as suas tradições de campeões do mundo. Venceram porque não se mascaram” (*apud* Vogel, 1982, 95).

Por trás dessa interpretação resplandece a figura da garra uruguaia, principalmente a altivez de Obdulio Varela. A avaliação negativa lançada sobre o desempenho da seleção nacional foi, em grande parte, construída em oposição à imagem que tínhamos de “el grán capitán”. Imagem que se constrói após o jogo, pois foi a vitória uruguaia que operou a transfiguração de Obdulio em nosso “ídolo às avessas”, como o denominou Mário Filho, que nos fez ressignificar seus gestos, suas atitudes em campo, fazendo-lhe agigantar-se ante nossos olhos e, principalmente, agigantar-se em nossa imaginação. Afinal, antes do término da partida, quem era Obdulio? Onde estava Obdulio? Nos dias que antecedem ao jogo decisivo, nas edições dos jornais, havia raras menções ao time uruguaio e a seu capitão que podia ser um ídolo para os uruguaios, mas não nosso. A cobertura da imprensa nacional, nos dias que precedem o confronto, possui um tom celebratório que visa, antes de tudo, enaltecer o grande feito dos nossos jogadores. Raramente é lembrado que enfrentaríamos um adversário e que o mesmo já havia sido campeão mundial. “Tudo preparado para a vitória!”, assim dizia

5

a manchete do *Jornal dos Sports* do dia 15/07/1950, deixando claro que o Uruguai era apenas um detalhe, um simples coadjuvante em nossa festa.

No que diz respeito especificamente a Obdulio, é interessante analisarmos três momentos do jogo através da narração de Jorge Curi. O primeiro refere-se ao lance que se segue após o gol de Friaça, em que o capitão uruguaio trava um pequeno bate-boca com o bandeirinha da partida. Esse lance será posteriormente interpretado como prova da superioridade emocional de Obdulio, entretanto Jorge Curi o narrou do seguinte modo: “Estão reclamando os uruguaios, impedimento de Friaça (...) *Importunado o bandeirinha Mr. Ellis por Obdulio Varela, que quer impedimento a todo custo*” (Grifos meus).³ O segundo lance ocorre após um desarme de Jair pelo capitão uruguaio, aos 14 minutos do segundo tempo: “Agora Obdulio reclama de Julio Perez. *Como reclama o capitão uruguaio*. O público já tomou conta de Obdulio, *porque ele reclama de tudo* – do juiz, do adversário e agora dos companheiros” (Grifos meus). Dois minutos após, uma falta violenta é cometida por Matíaz Gonzáles em Ademir. Jorge Curi, então, recorre a César de Alencar, que estava posicionado atrás do gol, para que este comente essa falta: “Alô, César de Alencar, você que está bem colocado pode dizer alguma coisa sobre o lance?”. César, então, responde:

O lance foi, embora legal, de uma violência a toda prova. Aliás, diga-se de passagem que a defesa uruguaia, assim que os jogadores brasileiros penetram na área, são de uma dureza a toda prova. Temos observado lances aqui do nosso posto de observação que absolutamente *não fazem parte do futebol*. Obdulio Varela, o center-half do escrete uruguaio, usa de todos os recursos contra Ademir. (Grifos meus)

Tomando como base essa narração temos um Obdulio classificado de *importuno, reclamação e violento*. Um jogador que interrompe o jogo sempre que pode e cuja vaia a ele direcionada – a qual Jorge Curi faz referência – pode ser, claramente, ouvida no áudio do jogo. Seria difícil imaginar que esse mesmo jogador se converteria em símbolo de postura em campo. A vitória da Celeste e a derrota da seleção transfiguram Obdulio e fazem seus gestos e seu corpo reluzir sob a luz da glória, fazem com que o olhemos por outros prismas e que o interpretemos como índice de força e soberania. Nesse sentido, a vilania de alguns jogadores brasileiros e o heroísmo dos uruguaios, principalmente Obdulio, são, em grande parte, resultado de interpretações mediadas pelo resultado do jogo. E nesse aspecto heróis e vilões se igualam, pois ambos são formados em consonância com um repertório de representações e projeções. Sendo que sobre os heróis depositamos nossos sonhos e sobre os vilões, nossos pesadelos.

³ Brasil X Uruguai, final da Copa de 1950, transmissão Rádio Nacional do Rio de Janeiro, narração Jorge Curi, Antônio Cordeiro e César de Alencar (atrás do gol). Arquivo pessoal.

Caso tivéssemos levantado a taça do mundo é bem provável que olhássemos Obdulio de outro modo, como nada mais que um falastrão, que de tudo reclama e a todos importuna. Nos jornais do dia seguinte diríamos que não se ganha jogo no grito, mas com a bola no pé. Talvez achássemos o capitão uruguaio, um jogador limitado, que se via obrigado a recorrer à violência, pois esse era o único modo de deter o ímpeto dos nossos jogadores. Pintaríamos Obdulio como uma espécie de bobo da corte. Usaríamos sua falastrice para exaltarmos nosso controle emocional e sua combatividade para exaltarmos nossa técnica refinada. Mas, ocorre que perdemos e com isso os gestos de Obdulio foram ressignificados, consolidando assim um mito para os uruguaios⁴ e fazendo nascer outro para os brasileiros. Um exemplo de honradez e fibra e que servirá de parâmetro avaliativo do desempenho da seleção naquele decisivo jogo do dia 16 de julho de 1950. Obdulio foi a sombra dos nossos jogadores, uma espécie de paradigma positivo a partir do qual foram julgados principalmente nossos vilões Barbosa e Bigode. Uma sombra imensa que apequenava ainda mais nossos jogadores. Como disse Friaça “Nós, os jogadores, sofremos em todos os cantos, porque, para onde a gente ia, ouvia só duas palavras: Obdulio, Uruguai” (Neto, 2000, 107).

Pois, todo vilão é antítese de algum conjunto de valores. Após as conquistas de 58 e 62, esses personagens serão avaliados sob a luz dos heróis de conquistas passadas que, por sua vez, serão considerados os autênticos representantes do futebol nacional. Futebol com F maiúsculo, exaltado e louvado por grande parte da imprensa e pela própria torcida canarinho. Esse tipo de discurso se torna viável, pois as glórias da seleção fornecerá subsídios para se pensar que o futebol nacional em nada fica a dever a outras escolas, ou melhor, que o mesmo havia alcançado *status* de superioridade inquestionável. As expectativas daí para frente serão de vitória e somente vitória, sendo que a derrota se torna um desvio desse caminho certo. Os vilões, por sua vez, são consolidados como personagens que, de algum modo, não cumprem devidamente tudo aquilo que se espera de um jogador da seleção. Uma seleção a qual já agregamos um conjunto de valores basilares para a avaliação que teremos sobre seu desempenho em Copas do Mundo. Valores, a partir dos quais ergueremos nossos heróis e nossos vilões.

No processo de atribuição de responsabilidades por uma derrota, os vilões quase sempre pertencerão aos nossos próprios domínios, por isso raramente serão juízes e quase

⁴ Sobre a importância de Obdulio e da vitória da seleção uruguaia, em 1950, Richard Giulianotti escreveu: “The match had a stronger symbolic impact upon Uruguayan identity. Not only had the football team triumphed over giant odds, but Varela’s valourous performance had personified a profound sense of national belief and self-determination. The argument with the referee became an almost mythical moment, a metonym for the new Uruguay, and a pivotal image in the formulation of a collective memory within this modernizing nation” (2006, 140).

7

nunca pertencerão ao adversário. O inimigo está sempre entre nós, afinal, como já assinalou a antropóloga Simoni Guedes “são os nossos erros que nos derrotam, já que somos os maiores do mundo do futebol” (2000, 137). Ou melhor, são os erros dos nossos vilões, pois a culpa da derrota recairá sobre alguns indivíduos e não ao todo. Se os heróis do futebol “representam nossa comunidade” (Helal, 2001, 154), os vilões, ao contrário, a envergonham. Os problemas que resultaram em derrota não são estendidos à seleção em sua totalidade, mas ficam restritos a uma pequena parcela da mesma. Enquanto a vitória é, freqüentemente, louvada como reflexo direto das qualidades do futebol brasileiro, a derrota passa a ser compreendida como resultado da ação daqueles que não cumprem devidamente tudo aquilo que se espera daquele que defende a camisa do selecionado. Sendo assim, a imagem da seleção e os valores positivos a ela anexados podem ser conservados, já que a responsabilidade do insucesso recairá sobre um pequeno número vilões. Indivíduos interpretados, muitas vezes, como traidores da pátria.

Eles, os vilões, é que são perdedores, covardes, mascarados, mercenários ou pernas-de-pau. O “autêntico” futebol brasileiro, ao contrário, é vitorioso, brioso, composto por profissionais que defendem a seleção por amor e não por dinheiro, é o futebol-arte de tantos craques e conquistas etc, etc. Dunga em 1990 foi o “mais europeu dos jogadores” e em 1986, por exemplo, dizia-se que “Telê Santana não podia ser técnico da seleção”, pois como afirmou o ex-jogador Gérson, Telê “sempre foi um perdedor. Nunca ganhou nada” (*JS*, 27/06/1986). Os vilões são filhos da derrota. Entretanto, ainda que seja importante reconhecer que o resultado final de uma partida se configure como um fator de muita relevância na avaliação que fazemos da mesma, é preciso reconhecer que o excesso de dependência que grande parte do jornalismo esportivo demonstra possuir em relação ao resultado, pode tornar seu discurso repetitivo, óbvio e às vezes incoerente.

Certamente que se tenta disfarçar essa dependência, mas ela se evidencia, basta pegarmos o discurso em torno da seleção que antecede a derrota e o compararmos com o que se fala após o fracasso. Os comentários referentes à seleção e aos seus membros podem mudar da água para o vinho dependendo do resultado, pois este é o fio condutor das narrativas de futebol divulgadas por grande parte da mídia esportiva do país. Em 1998, por exemplo, o diário *Lance* estampava a manchete “A próxima vítima. O Brasil vai ter de estragar a festa dos donos da casa para chegar ao Penta” (09/07/1998). Zagallo que após a derrota será culpabilizado pela mesma foi assim descrito “Viva o mestre Zagallo. Zagallo mostrou seu carisma e botou a seleção na final” (*Lance*, 08/07/1998). No dia da final, a euforia era grande:

8

“Brasil! Hoje é dia de Penta!” (*Lance*, 12/07/1998). Mas quando a derrota veio... tudo que era certo transformou-se em erro: “os sete erros capitais da seleção” (*Lance*, 13/07/1998). Nessa mesma Copa, o jornal *O Dia*, antes da final, anunciava “A hora do Penta. Festa do Penta será na praia de Copacabana” (12/07/2007). Já no dia seguinte: “Saída pelos fundos” (*O Dia*, 13/07/1998).⁵

Basta que a vitória não venha para tudo que antes era visto com indiferença ou mesmo entusiasmo se transforme em peças definitivas de um quebra-cabeça que montado visa mostrar o passo-a-passo de um derrota. E uma dessas peças é o vilão.

Referências bibliográficas

- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio de la belleza atlética*. Trad. Aldo Mazzucchelli. Buenos Aires, Katz, 2006.
- GIULIANOTTI, Richard. Built by Two Varelas: The Rise and Fall of Football Culture and National Identity in Uruguay. In: FINN, Garry P.T.; GIULIANOTTI, Richard. *Football Culture: Local Contests, Global Visions*. London: Frank Cass, 2006.
- NETO, Geneton Moraes. *Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- VOGEL, Arno. O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto et ali. *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

⁵ Essa fenômeno, também, pode ser observado no sentido oposto, ou seja, da crítica para a euforia. A Copa de 1994 é um ótimo exemplo desse fenômeno. Tanto nas eliminatórias quanto no início da Copa a seleção era desacreditada e muito questionada. No jogo contra a Suécia, ainda pela primeira fase, o empate foi do seguinte modo retratado pelo jornal *O Dia* “Brasil cai na real. Raí comanda o vexame dos peladeiros de Parreira. Seleção vaiada no 1 a 1” (29/06/1994). Mas quando a seleção avançou na competição e se classificou para a final esse mesmo jornal dizia: “Domingo tem macarronada ao Tetra” (14/07/1994).